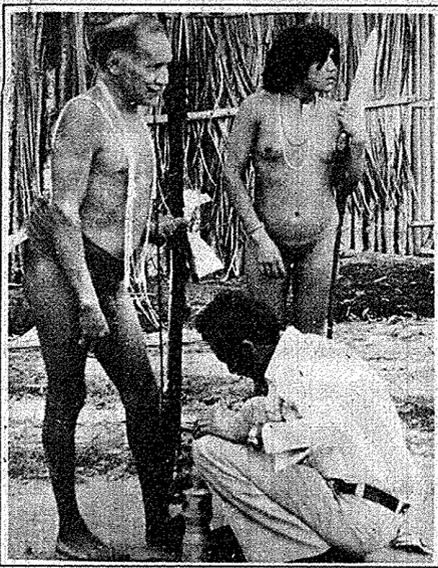


Povos Indígenas no Brasil

Fonte *Journal da Manhã (6.0)* Class.: 149

Data *4 de fevereiro de 1983* Pg.: 27

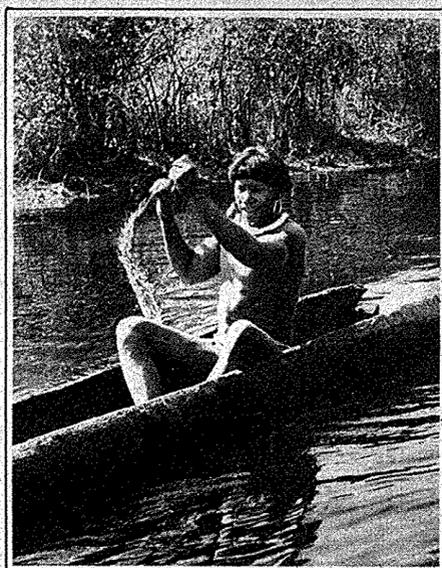


O sertanista João Maia conversa com o pé de um dos chefes dos Uru-Eu-Uau-Uau, o cacique Careca

DEPOIMENTO (2º)



Pequena índia Nhambiquara, de Serra Azul, carregando um balão de mandioca. Ela retorna da roça



Índio Kuicuro remando uma canoa de casca de jatobá, no rio Toatoari

Entrevista a Djalba Lima e Mara Lúcia Moreira

DM — Eu gostaria que o senhor descrevesse os primeiros contatos, a aproximação com uma tribo desconhecida, que repele o contato com a chamada civilização.

JESCO — Olha, isso é a coisa mais importante do mundo, que você vibra, você tem medo mesmo, todo mundo tem. Eu acho que a coragem é como a pessoa domina o seu medo. Num bate-papo com um dos maiores heróis de guerra alemães, eu falava: — mas, general, o senhor nunca teve medo? Ele disse: — olha, medo todos têm (isso são palavras bem dele), mas você sabe que a coragem é a maneira como a pessoa aprende a dominar seu medo?

Na frente de atração é de pacificação, acontece isso. Você está armado, mas não pode dar tiros naquela gente. Se der, é pior, porque eles te cercam. Se você matar um, pode ter certeza de que não escapa. Agora, se você estiver desarmado, eles acham que você é um boboca e dizem: "vamos matar essa turma logo", e mandam a borduna, como aconteceu com quatro missionários. Eles se aproximaram, entraram na mata com a ajuda só de Deus. Os meninos índios, que só podem casar depois de matar um inimigo, pensam: "Aqueles estão fáceis de matar". Se estivessem armados, os garotos pensariam duas vezes antes de atacar.



"Os índios chegam a nos oferecer mulheres bonitas, para tentar nosso comportamento. Deus nos livre de aceitar"

Então, na frente de atração acontecem muitas coisas imprevisíveis e fabulosas. Eles primeiro pensam que a gente é inimiga e, depois, que eles vêem que não, que começam a entender, ficam naquela alegria pura dos índios. Olha, isso paga todos os sacrifícios que você faz. O maior deles é esperar meses, como eu me lembro na atração com o Chico Meirelles: a gente ficava lá naquela fase de namoro pondo presentes nos tapiris e olhando maravilhados eles se aproximarem. Isso leva meses às vezes, mas depois, quando acontece esse grande momento, é uma vez na vida que você tem aquilo. Não tem coisa que se compare.

Depois de ter acompanhado o primeiro contato com os Villas-Boas, eu, em seguida, só fui procurando frentes de atração, seja com Chico Meirelles, com Apoena Meirelles ou o Gilberto Pinto, que foi morto pelos índios. Perigo tem muito, até depois. Por alguma razão desconhecida, eles podem cismar que você fez algum feitiço, uma coisa errada e depois querem vingar. Mas não que o índio seja uma pessoa de má vontade. É uma pessoa pura e maravilhosa. Mas, nenhum santo. Então, frente de atração quase não existe mais. Se você tem essa chance, se você sabe tirar retrato, sabe fazer gravações, sabe talvez filmar... Mas é perigoso, porque eles tem medo dessas máquinas. Com o tempo fui adquirindo experiência e eles achavam que no Brasil eu era quem tinha mais experiência em documentar as frentes de atração. Tem que saber tirar retrato sem apontar a máquina para eles, pois detestam

JESCO VON PUTTKAMER

O primeiro contato com uma tribo hostil

Depois de 1948, Jesco von Puttkamer documentou quase todos os primeiros contatos das tribos não pacificadas com as frentes de atração do SPI inicialmente e, depois, da Funai. Aqui, na segunda parte de seu depoimento, Jesco descreve como é esse primeiro contato, as precauções que se deve tomar e, sobretudo, como se pode dominar o medo. Atualmente, ele está participando da frente de atração dos Uru-Eu-Uau-Uau, a última tribo que repele qualquer contato com a Funai.

que tirem retratos, principalmente no começo. Tem que se aplicar certos golpes: você tem logo que tratar de conquistá-los, sempre alegre, sempre rindo, mexendo com as orelhas, com a ponta do nariz, com os olhos. Eles adoram essas palhaçadas e logo passam a gostar de você.

DM — Então, des têm medo de máquina fotográfica?

JESCO — No início, têm um medo louco. Depois que você aprende a falar a língua deles, eles acham graça. Mais tarde, um desses me perguntava: "Jesco, fala a verdade (isso na língua deles). Esse negócio aí nós achamos muito 'gozado'". Ai chegava outro perguntando: "E esse cara aí, que é que é isso?" E eles diziam: "Não, não tenha medo dele não, ele é palhaço e a gente morre de rir dele. Tem hora que deita no chão e fica olhando, tem hora que fica ajoelhado. Quer ver, vou chamar ele, pra você ver ele mexer com as orelhas". E o outro: "Então, é assim, é?". Mas existe sempre uma desconfiança: "Mas escuta, esse negócio seu aí, se você quiser você atira com ele, né?". A primeira coisa que eles querem é abrir a máquina. A desconfiança aumenta se você tem teleobjetiva.



"O primeiro contato de uma tribo com a frente de atração é um grande momento; é uma vez na vida que você tem aquilo"

Aprendi com os Villas-Boas e com o Meirelles a tirar fotos usando uma máquina com lente grande angular e sem apontar. Com a máquina à altura da barriga, eu procurava saber mais ou menos o que estava enquadrando e conseguir fazer fotos espetaculares dessa forma. Mas tarde, então, o Meirelles me ensinou: "Olha, procura apontar a máquina sobre nós, e os índios estando junto, mas sabendo que você está fotografando e nós. Eles não vão fazer questão". E aconteceu. Primeiro, eu consegui fotografar índios com a máquina à altura da barriga e depois, com nossos companheiros, eles se deixavam fotografar normalmente. Mas, no momento em que apontava a máquina só para os índios, eles corriam. Da máquina de filmar eles tinham o maior desgosto porque ela fazia o que eles chamavam de tric, tric. De gravador também não gostavam porque a gente apontava o microfone para eles. Takanini, um menino

índio de doze anos, cortou com um facão, que ele recebeu de presente, o fio do gravador. Hoje, não há mais esse problema, porque o gravador tem fone embutido. Se você apontar até uma garrafa vazia para o índio, ele corre.

Os Cinta-Larga tinham pavor de lanterna. Depois eu descobri porque: os seringueiros caçavam pacas com lanternas. Os índios no meio da mata viam apontar aquela luz e dar aquele tiro. Eles pensavam que era a luz que dava o tiro. Nós, então, quando não queríamos que eles furtassem certas coisas, como nossas panelas, colocávamos uma lanterna em cima. Eles nem chegavam perto. Todas essas coisas estão nos meus diários. Os índios mais velhos tinham pavor de fósforos também. Os meninos, no entanto, gostavam, pegavam a caixa de fósforos e acendiam um depois do outro até acabar. Um dia pediram pra levar uma caixa de fósforo para cada. O pai deu uma coça neles. Acho que devem ter roubado algum fósforo de seringueiros e queimando as suas malocas. Então, os velhos tinham raiva de fósforos e de espelho também. Quebravam tudo quanto era espelho. Além disso, cortavam as cabeças das bonecas. Mais tarde, fiquei sabendo que a boneca feita de palha é muito usada no meio dos índios para fazer feitiço. Eles tinham medo dessas imitações do corpo humano. E medo também do espelho que reflete outro índio lá dentro. Eles não identificam a imagem refletiva com eles próprios e têm pavor, quebrando todo espelho que a gente lhes dá. Panelas eles adoram, mas as tampas jogavam fora. Os índios fazem uma panela de barro e nunca pensam em fazer uma tampa. Então, não viam utilidades nas tampas, mas, mais tarde, compreendiam o valor da tampa, também. Mas no começo eram centenas de panelas que iam, e no caminho, a gente encontrava as tampas de alumínio.

DM — Acho que seu material é de uma dimensão histórica realmente extraordinária porque o sr. documentou a realidade das tribos que não existem mais, seja cultural ou fisicamente...

JESCO — Algumas existem, mas completamente adulteradas. O índio, em seguida, cria complexos de inferioridade e aí é terrível. Logo que puder, ele nega que é índio. Isso é uma coisa terrível.

DM — Eu gostaria que o sr. contasse para nós quais as tribos cuja realidade o sr. documentou.

JESCO — Eu documentei uma coisa bem pura. Eu nunca pedi ao índio para fazer uma dança para mim — coisa que muitos jornalistas e cientistas, por falta de tem-

po e recurso, são obrigados a fazer. Mas a diferença de você ver um índio fazer uma festa quando ele sente necessidade e de ele fazer uma pose para fotografia, não tem comparação. Se você está só convivendo com ele, integrando-se sem pedir nada a ele e ele fazendo tudo espontaneamente, ele chega a chorar, gritar, morrer, matar... É inexplicável, sabe? Então, você tendo a chance de documentar isso quietinho, sem encher o saco dele, depois de uns tempos ele te aceita. Eu acho que é um material que ninguém nunca mais pode fazer, mesmo porque estas frentes de atração estão se acabando. Os índios estão se adulterando. É uma coisa linda, que eu acho que não tem dinheiro no mundo que pague.

DM — O documentário A tribo que se esconde do homem, que o sr. produziu para a BBC de Londres, refere-se a que tribo?



"Nós ficávamos sempre alegres, porque o índio pensa que quem quer fazer o mal não é alegre"

JESCO — Levamos muitos anos para fazer a aproximação com os Kreen-Akarore. Aproveitamos esse tempo e filmamos a vida dos índios Txukarramãe e dos Caiapó, que eram inimigos deles, embora parentes, e eram uma tribo virgem, recentemente contactada em parte pelos Villas-Boas e em parte pelo Chico Meirelles. Então, tivemos ali a liberdade de fazer um documentário dos índios em toda a sua pureza, não pedindo nada, apenas observando e acompanhando. O Adrian Cowell, que é o diretor desse filme, me usou como cinegrafista principal e só na última parte é que eu tive que fazer um trabalho para a National Geographic Magazine, quer dizer para nós, mas com a ajuda da revista. Ai eu sai e Adrian chamou um cinegrafista inglês. Nós éramos três cinegrafistas nesse grande filme, mas, com orgulho, posso dizer que as tomadas mais genuínas dentro da selva foram feitas por mim. Eu ainda era jovem disposto, corria com eles, com uma pequena máquina de filmar, e filmava eles matando antas de porrete e flecha como ninguém nunca filmou. E matando catitús na borduna. Eu conseguia filmar isto e ainda captar o som, muitas vezes usando o índio mesmo para ir correndo com o meu gravador, e eu fazendo a imagem.

Então, consegui mesmo coisas espetaculares, sem dúvida. E disso eu me orgulho, porque nunca mais se faz de novo.

DM — Depois que os índios apanham os presentes nos tapiris, o que acontece?

JESCO — Nessa fase, eles ainda te observam lá de dentro da mata e o seu comportamento aí é muito importante. Então, ficávamos sempre alegres, pois o índio não gosta de gente que não é alegre — quem quer fazer o mal não é alegre — despreocupados, embora com certos cuidados. Levamos sanfona e tocávamos e eles viam tudo isso. Sempre nos vigiavam quando iam colocar os presentes nos tapiris, que eram lá para dentro da mata, uns sete quilômetros. Esses tapiris ficam sempre um pouco afastados, porque eles têm medo de chegar perto do posto. Mas mais tarde montávamos uns mais perto. Eles iam lá, pegavam os presentes. No começo não mexiam, a gente só via os rastros. Depois, a gente via os rastros deles perto do acampamento — eles vigiavam a gente. Nós sentíamos que eles realmente nos vigiavam. Uma vez, Chico Meirelles fez uma banda de música só com instrumentos feitos na mata — zabumba, essas coisas. A gente tocava e cantava, eles viam isso e gostavam. Um belo dia, então, os mais jovens, meninos que ainda têm que ganhar méritos, são mandados na frente. E eles gritam lá da mata que é pra gente ir lá. Ai tem que ir uns dois, levando presentes, e está todo mundo tremendo. Quem fica também está tremendo. Eles escondem as armas para gente não ficar com medo. Você dá umas coisas, mas ainda não vão ao seu acampamento. Depois de uns dias, vem uma turma maior. A coisa mais notável é quando o chefe guerreiro chega e começa a fazer discurso pra você. Você não entende nada...

A frente de contato requer muita paciência, muita experiência e muita psicologia também, porque, depois de conhecer o índio mais profundamente, ao longo de muitos anos, você pode interpretar certos acontecimentos inesperados. Frente de atração é coisa mais divertida do que filme de cinema. Acontecem os fatos mais incríveis. Primeiro, você só vê garotos índios, que os velhos mandam. Depois, alguns garotos têm coragem de atravessar a pinguela e invadir o acampamento. O comportamento desses garotos muitas vezes requer paciência, porque eles procuram furtar certas coisas que lhes são úteis, como, por exemplo, panelas e machados; invadem a cozinha, pulam por cima de tudo. Em comida nem tocam, porque temem estar envenenada. Eu tenho a im-

pressão de que estes garotos, quando chegam em casa sem nada, são castigados. Eles se comportam terrivelmente e você tem que aceitá-los com a maior bondade. Depois, com o tempo, aparecem os jovens guerreiros, mas nada de trazer as mulheres ou crianças.

Depois de um mês, a gente recebe a visita do grande chefe, com muita cerimônia, todo mundo pintado. Primeiro, vêm os guerreiros da guarda de segurança — eles são muito organizados — e fazem aquela meia-lua. A gente sabe, então, que pode ir lá, mas tem que ir desarmado. Eles também escondem suas armas. Você é, então, regamente presenteado. O Chico Meirelles ganhou, certa vez, um curiango, uma cestinha com amendoim, flechas bonitas e um arco. É raro eles presentearem com arco, porque parece que eles estão acostumados com a arma. Acontece, então, esse intercâmbio: você dá e ganha presente. Haja presente neste dia, porque às vezes você já deu tudo, como aconteceu quando recebemos a visita do grande chefe. Nós catamos fora e tudo o que tinha para dar, para não ficar feio.



"Eu nunca pedi ao índio para fazer uma dança para mim — coisa que muitos jornalistas e cientistas, por falta de tempo, fazem"

Com o tempo, eles adquirem mais confiança. Ai já trazem as mulheres, mas isso demora. Primeiro eles trazem mulheres bonitas, para testar o nosso comportamento. Chegam até oferecer mulheres, e Deus te livre de aceitar. Eles não entendem nossa aproximação. Primeiro, eles acham que somos garimpeiros e, então, botam cascalho no tapiri. Depois, outras coisas. Custa muito para eles compreenderem que estamos lá para fazer amizade e para protegê-los. No fim, acabam compreendendo, mas isso leva tempo. Depois, vêm freqüentemente, mas ainda não dormem no acampamento. Apesar de ainda continuarem desconfiando, eles trazem as mulheres e crianças. Depois de trazerem as mulheres e crianças, eles passam a dormir no acampamento. Ai a confiança já está grande, e eles começam a aceitar a nossa comida, embora detestem sal.

Esse processo de aproximação costuma demorar muito: às vezes, só na troca de presentes, também chamada de namoro, leva-se um ano e, depois, mais um ano para eles te deixarem ir na aldeia, que é o fim da pacificação. Nessa fase, é perigoso eles começarem a dar confiança nas frentes pioneiras e irem lá fora, sempre à procura de cachorro. Eles procuram furtar tudo quanto é cachorro, mas a gente dá para eles. Então, é uma coisa toda especial. Depois que a gente visita a aldeia, um grupo de índios — eles são também desunidos — resolve fazer aldeia perto do posto, mas a maioria fica na mata.

DM — Os Uru-Eu-Uau-Uau já chegaram a esta última fase?

JESCO — Não. Só dois intérpretes foram à aldeia deles uma vez. Nós ainda não fomos. Ainda está nessa fase de primeiros contatos; têm grupos deles que ainda não fizeram contato, estão desconfiados. Apenas dois ou três grupos estão fazendo contato esporádicos — uma vez por semana, às vezes levam um mês para aparecer.